

## **Toda Moeda Tem Dois Lados: ensinoaprendizagem em tempos de COVID19<sup>1</sup>**

**Maria Carolina de Souza Sampaio**

Finalmente cheguei no final de fevereiro deste ano em Los Angeles, para atuar como Pesquisadora Visitante no Instituto Latino Americano (LAI) da Universidade da Califórnia (UCLA). Quinze dias depois, por conta do COVID-19, estávamos em casa (eu, esposo – também pesquisador visitante na UCLA – e dois filhos, um de 7 e outro de 4 anos), devido à recomendação de *stay at home*.

Assim, como toda moeda sempre tem dois lados (ouvimos muito isto por aqui), a minha realidade também tinha. O lado ruim de estar em casa era a ausência do convívio com os colegas do LAI e da presença física e cotidiana no Campus da UCLA. O lado bom passou a ser a entrada do meu objeto de pesquisa, literalmente, dentro da minha casa. As aulas dos meus filhos, as reuniões de pais promovidas pela escola, as conferências da UCLA, as reuniões da UFBA e todos os outros eventos acadêmicos passaram a ser realizados através da Internet e, então, pude observar variadas práticas direta ou indiretamente associadas ao processo de *ensinoaprendizagem* (aqui escrito junto para reforçar a relação inseparável entre essas duas ações) ocorrendo em ambiente *online*.

Observei que as dificuldades e desafios impostos, para professores, estudantes (e suas famílias) e funcionários, pela necessidade da realização de atividades acadêmicas de forma não presencial, eram as mesmas encontradas no Brasil: a) conhecimento, acesso e disponibilidade de recursos computacionais; b) formação e uso da linguagem apropriada ao trabalho com esses dispositivos tecnológicos; c) realização das atividades acadêmicas dentro do ambiente doméstico; e d) motivação e engajamento de todos os envolvidos, com vistas a fazer as coisas acontecerem.

Dentre esses desafios, em menos de quatro meses, o governo do estado de Los Angeles apresentou alternativas para disponibilizar acesso à internet e distribuir equipamentos àqueles que precisavam. Em paralelo, passaram a buscar, testar e investir esforços em integração de *softwares* educacionais e sistemas de gestão de aprendizagem. Elaboraram

normas e políticas que regulassem aspectos relacionados aos direitos autorais, privacidade e segurança da informação, com base nos princípios da cidadania digital. Realizaram diversos eventos, por webconferência, buscando capacitar tecnicamente os envolvidos (incluindo famílias e estudantes), compartilhar, exaustivamente, informações e tentar motivá-los a participar das ações que seriam desenvolvidas no próximo ano letivo (iniciado em agosto de 2020).

Em relação aos outros desafios, a meu ver, uma das questões mais críticas, em Los Angeles e no Brasil, ainda é como ensinar em ambiente não presencial e construir vínculos fortes com os alunos, implicando-os nos seus processos de aprendizagem. Em ações não presenciais, isso se torna ainda mais difícil, pois estimular as interações e a formação de redes colaborativas quando não temos o contato físico presencial é ainda mais desafiador. Realmente, não é fácil, mas, já estávamos vivendo esse desafio dentro da sala de aula presencial, mesmo quando tentávamos incorporar as tecnologias digitais como forma de inovar em nossas práticas de ensino e fortalecer vínculos interativos, pois as relações constituídas entre professor e estudantes, muitas vezes, já eram frágeis.

Como toda moeda tem dois lados, a forma atraente como as tecnologias se apresenta para nossos estudantes já vinha distraindo a atenção e reduzindo o seu interesse, quando estes eram convidados a aprender em ambientes formais de ensino. Informações, temos muitas na *web*: parece que tudo que queremos saber já está lá. Por isso, gosto de perguntar aos colegas, quando estou realizando alguma ação de formação de professor: será que tem algo que você dirá a seu aluno na próxima aula que já não esteja na *web*?

A questão não é o que você diz, mas como você diz! Daí, nasce o desafio da mediação da aprendizagem do qual tanto falamos quando defendemos a Educação Online (EOL), constituída a partir dos princípios da autoria, compartilhamento, conectividade e colaboração. É a capacidade de simplificar o difícil; personalizar a aprendizagem, considerado que cada estudante é único e, por isso, tem demandas e interesses diferentes; instigar curiosidades; e disparar processos criativos. É o “fazer com” o estudante que é fundamental, seja no ambiente presencial ou não presencial.

No final das contas, a meu ver, o lado ruim da moeda é a dificuldade em incorporar ao ambiente doméstico a realização das atividades acadêmicas, quando “todos” estão em casa, realizando outras atividades e compartilhando os mesmos espaços; e a ausência do contato físico presencial, o qual representa um forte dispositivo para a constituição de vínculos mais estreitos.

E o lado bom? A oportunidade que nos foi apresentada para repensar como ensinamos e como aprendemos, seja no presencial ou não, incorporando os dispositivos tecnológicos que temos à nossa disposição ou, pelo menos, as linguagens adotadas por esses para atualizar as formas criativas e reflexivas que podemos adotar para construirmos novos conhecimentos, sem perder de vista que o centro da questão está em como fazemos. E isto é o que diferencia o professor de Los Angeles, do Brasil ou de onde quer que seja.

## **NOTA**

1 Submetido à RIGS em: dez. 2020. Aceito para publicação em: dez. 2020.

**Maria Carolina  
de Souza  
Sampaio**

Professora Adjunta da Escola de Administração da UFBA. Membro do CIAGS (EAUFBA) e GEPICC (ICI).